

VI Assembléia Geral da Associação dos Geógrafos Brasileiros

Realizou-se na cidade de Nova Friburgo, estado de Rio de Janeiro, de 27 de janeiro a 2 de fevereiro do corrente ano, a VI Assembléia Geral da Associação dos Geógrafos Brasileiros, entidade de fins científicos e culturais. A reunião contou com a presença de 35 delegados, representando as seções regionais da A.G.B., além do professor JORGE CHEBATAROFF, presidente da Associação dos Geógrafos Uruguaios. Os participantes ficaram hospedados no Ginásio Nova Friburgo, cedido pela Fundação Getúlio Vargas.

A sessão solene de instalação, realizou-se à noite, depois de haver uma preparatória, sob a presidência do professor JOSÉ VERÍSSIMO DA COSTA PEREIRA, e contou com a presença do Dr. EDGAR TEIXEIRA LEITE, a quem foi prestada uma homenagem, pelos relevantes serviços prestados à A.G.B., particularmente à Secção Carioca. Falaram os professores ODILON A. NOGUEIRA DE MATOS, MILTON SANTOS, NILO BERNARDES e SÍLVIO FRÓIS ABREU, sendo dêste último as seguintes palavras:

“Em nome da Associação dos Geógrafos Brasileiros tenho a grata satisfação de dirigir-vos a palavra para manifestar, em primeiro lugar, o nosso reconhecimento pela atitude fidalga da Fundação Getúlio Vargas, franqueando êste estabelecimento aos que procuravam um ambiente propício aos estudos que deverão ser realizados durante a 6.^a Assembléia Geral.

Não podíamos deparar melhor local para a nossa reunião, pois aqui encontramos a solução para unir o útil ao agradável. Neste magnífico estabelecimento cercado de todo conforto, longe de outras atividades perturbadoras ou de olhares desdenhosos dos leigos, gozando da amenidade do clima de montanha, justamente no auge do período do calor, a 6.^a Assembléia Geral certamente está fadada a produzir trabalhos dos mais produtivos até então realizados.

A cidade de Friburgo olhará talvez, com surpresa, essas estranhas figuras de veranistas, diferentes dos que costumam aqui aportar em busca de ares frescos e puros, de passeios de bicicleta ou de frutas da terra. Decerto, causará muita estranheza saber-se na cidade que um grupo de jovens de ambos os

sexos veio observar as montanhas com atitudes diferentes daquelas com que costumam fazer os que até aqui chegavam arrostando o sacrifício de enfrentar essa venerável via férrea. Talvez, entretanto, reconheçam dentre alguns dêsses espécimes raros — os que já estiveram aqui anos passados, fazendo croquis, medindo estradas, fotografando aspectos e vasculhando as intimidades do lugar, sob a direção dum professor enérgico e incansável, o companheiro FRANCIS RUELAN, cuja ausência tanto lamentamos. Não tardará entretanto que apareçam as obras dêsses estranhos veranistas postas em letra de fôrma, representando alguns estudos regionais que servirão de preciosa fonte de dados para os professores de Geografia do Brasil inteiro ou que ponha o ambiente de Friburgo em foco como dos lugares mais aprazíveis do país.

As Assembléias Gerais da Associação dos Geógrafos Brasileiros têm uma particularidade interessante que as diversificam do padrão normal das Assembléias Gerais de quase tôdas as organizações. Aqui se discutem os problemas da administração sem azedume, nem críticas ferinas; aqui se fazem as confabulações e chapas de diretoria, sem traição, sem compra de votos e sem chicana eleitoral. E aproveitando sempre a oportunidade da reunião de especialistas nos vários setores da Geografia, realizam-se estudos de pequena extensão mas de grande profundidade.

A Associação dos Geógrafos Brasileiros, fruto da boa vontade de alguns estudiosos que se congregam em tôrno do nosso sempre lembrado professor PIERRE DEFFONTAINES vem felizmente mantendo uma tradição de trabalho de alto quilate, graças aos elementos que a ela se dedicam, animados pelo desejo de contribuir para o fomento da pesquisa individual no campo da Geografia.

Em nossa Associação encontram os novos elementos um ambiente propício para a sua expansão porque ela foi fundada com o espírito de animar, desenvolver, incentivar justamente os trabalhos individuais, ao alcance dos pesquisadores isolados ou de grupos que não dispõem de elementos materiais para programas de grande envergadura.

Suas Assembléias, de tempos para cá, têm sido realizadas com uma normalidade apreciável, graças aos esforços de seus diri-

gentes que têm sabido escolher locais e entidades capazes de dar sombra amena e hospedagem fidalga aos seus associados.

Essa Diretoria foi sobremodo acertada na sua escolha numa época de transição de governo, quando todos estão ocupados ou preocupados em normalizar situações ou conquistar posições. A Fundação Getúlio Vargas respondeu com tôda solicitude ao apêlo da Associação dos Geógrafos Brasileiros, e aqui estamos no aconchêgo dêste ambiente agradável, prontos para estudar, programar, pesquisar e realizar trabalhos que serão também um reflexo das atividades da Fundação em prol da expansão da cultura e da educação no Brasil.

Uma obra de grande alcance realizada pela A.G.B. é a aproximação dos geógrafos ativos que trabalham nos diversos estados. Por intermédio das Assembléias estabelece-se a oportunidade de se conhecerem os novos que ingressam no campo da pesquisa geográfica, tomam contacto os que só se conhecem através dos¹ escritos, surgem idéias de novos trabalhos, e os que trabalham conquistam admiradores.

Esta é a 6.^a Assembléia da A.G.B., a 6.^a vez que se reúnem os membros da pequena sociedade formada por alguns profissionais da Geografia que se dispuseram a dedicar seus esforços para um melhor conhecimento do Brasil e uma melhor compreensão de suas possibilidades.

Fundada de uma maneira despretenso-sa, sem ares de corporação importante, sob a inspiração do grande mestre de nós todos que é o dinâmico professor PIERRE DEFFONTAINES, a A.G.B. cresceu e logo se consolidou tal como semente de boa origem plantada em terra fértil e em zona de clima propício.

A A.G.B. nasceu justamente na época em que a Geografia passou a ser mais bem compreendida entre nós graças à influência do Conselho Nacional de Geografia, atuando com sua orientação bem definida, procurando criar profissionais idôneos e dirigindo os trabalhos geográficos no sentido de conhecer melhor o nosso território, a fim de permitir uma melhor utilização dos recursos naturais. O desvêlo dado à sociedade por seus dirigentes, até hoje, e o apoio a ela dispensado pelos que fazem da Geografia um sacerdócio a serviço da causa pública, elevaram esta Associação a tal conceito que o Congresso Federal já iniciou os

trâmites para considerá-la de utilidade pública.

Temos assim motivos para nos rejubilarmos com os prezados colegas pelo conceito em que já é tida a A.G.B., mero reflexo da atividade beneditina dos seus membros, trabalhando com alma e pertinácia nos vários setores da Geografia ativa no Brasil.

Não tememos a responsabilidade que cairá sôbre os nossos ombros em consequência do apoio do Congresso, porque vibra em todos os membros o desejo de realizar trabalhos que só não foram até hoje efetivados por falta de recursos materiais. Há no seio da A.G.B. um manancial de programas a realizar; as idéias brotam da exuberância dos novos geógrafos, sedentos de produzir algo de útil e de original. As sugestões e conselhos partem dos mais velhos e mais experientes e são recebidos com acato pelos que estréiam nas pesquisas geográficas.

A expansão da A.G.B. já se faz notar através das secções regionais, trabalhando-se intensamente no Rio, como em São Paulo e certamente veremos em breve outros núcleos regionais praticando Geografia ativa e trazendo suas contribuições de valor para o melhor conhecimento do ambiente brasileiro.

O auxílio que o Congresso acena à A.G.B. como consequência de suas finalidades e das demonstrações de capacidade já manifestadas vai permitir certamente o desenvolvimento dum programa de trabalhos de grande destaque, sobretudo da realização de estudos regionais em áreas de maior interesse para a coletividade, ou em zonas que ainda não receberam atenções do governo pelo desconhecimento em que são tidas. E assim irá corresponder às esperanças nela depositadas.

A Geografia do Brasil já está definitivamente reconhecida como atividade essencial à administração. Os nossos governantes já vão dando o merecido apoio aos que se embrenham pelas matas, sobem as cachoeiras ou devassam as zonas ainda desertas em busca das características locais referentes ao solo, ao aspecto físico, aos recursos naturais, aos habitantes e ao clima.

A mentalidade do povo em relação ao geógrafo também já evoluiu. Antigamente os que faziam tais estudos eram recebidos com receio e desconfiança. Se o governo realizava pesquisas, as populações locais receavam sobrecarga nos impostos, limitação das liberdades pessoais ou inquéritos para fins de recrutamento militar. Se eram ho-

mens que faziam Geografia sem missão oficial, imaginava-se logo que se tratava de estranhos visando qualquer riqueza oculta que deveria ser subtraída aos interesses regionais.

E o geógrafo era assim um homem sempre mal visto que deixava um rastro de desconfiança pelos lugares por onde passava, quando não era tido como um indivíduo inconveniente, sem ocupação produtiva, a gastar o tempo em fazer croquis e tomar informações sobre as coisas da vida alheia.

Não se compreendia outrora a função da Geografia na administração dum território e foram precisos muitos anos de governo às cegas, de orientações defeituosas, de errônea aplicação de leis e regulamentos para que se viesse a ter a noção exata do valor do conhecimento perfeito do território para realizar uma administração consentânea com as aspirações e as finalidades do povo.

Foi principalmente baseado nessa concepção utilitária da Geografia que o nosso governo criou o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística que vem realizando trabalhos de valor inestimável, atestados pelas publicações que permitem dar uma idéia do território e da sua evolução através do tempo.

O Conselho Nacional de Estatística na sua esfera de atividade e o Conselho Nacional de Geografia no seu campo, têm prestado ao progresso do país uma contribuição que é difícil de ser apreciada pelos que não estão diretamente ligados às altas esferas da economia e da administração do país. O engenheiro CHRISTOVAM LEITE DE CASTRO à frente do C.N.G. realizou obra grandiosa, criando um corpo de geógrafos nacionais familiarizados com a mais moderna técnica geográfica, constituindo serviço inestimável, cujos benefícios ninguém ousará algum dia contestar. Muitos governos outrora não utilizavam a Geografia como recurso essencial, mas a importância que tomou em todos os países civilizados reflete bem o seu valor na condução dos negócios públicos.

O governo de Portugal no comêço do século passado, numa incompreensão do valor da contribuição pessoal dos geógrafos, expedia ordens aos capitães-mores dos estados do Brasil para que não dessem livre trânsito e até prendessem "hum tal barão de HUMBOLDT" que constava estar viajando pela América Meridional fazendo observações geográficas.

E assim por uma carta régia ficamos privados dos preciosos comentários e observações dum ALEXANDRE HUMBOLDT que percorrendo os territórios da zona do Pacífico e do mar das Caraíbas, apenas tocou as regiões da Hiléia Amazônica talvez de soslaio no território brasileiro limítrofe com a Colômbia, receoso de ser trazido prêso e pôsto a ferros no Rio de Janeiro.

É curioso notar que essa mentalidade acanhada ainda não desapareceu totalmente e a mesma Hiléia Amazônica que os governantes lusitanos subtraíram às apreciações científicas dum ALEXANDRE HUMBOLDT, um século e meio atrás, ainda em nossos dias é considerada por alguns como um tesouro que deve ser cuidadosamente resguardado aos olhares dos homens de ciência que não nasceram no Brasil.

A Velha Geografia e a Moderna Geografia

A má compreensão do que constitui realmente a Geografia, isto é, a descrição da terra considerada como *habitat* do homem, levou os professores, antigamente, a estabelecerem como critério de conhecimento geográfico a enumeração dos acidentes da terra, sem a necessária correlação com a paisagem natural e a atividade humana. Daí nasceu a antipatia generalizada à Geografia no currículo escolar. A inutilidade do estudo da Geografia segundo essa concepção errônea é evidente e com a evolução do ensino foi o sistema sendo abandonado e substituído pela concepção racional que felizmente já está generalizada em nosso país, graças aos compêndios modernos, escritos pelos que seguem as normas dos grandes mestres do estrangeiro e do nosso país.

PÊRO VAZ DE CAMINHA na sua famosa carta dando conta do descobrimento é sem dúvida o primeiro a fazer Geografia do Brasil, pois que não temos conhecimento de escritos pormenorizados daqueles que se supõe terem tocado em terras brasileiras antes de CABRAL.

Foi apenas como que um estudo regional, pintando a paisagem natural e humana em torno da baía Cabralia e muitos anos se passaram até o aparecimento dos vários tratados sobre o Brasil, no século do descobrimento, como o de GABRIEL SOARES, ou de PÊRO MAGALHÃES GANDAVO ou do padre FERNÃO CARDIM.

GABRIEL SOARES DE SOUSA, português que se estabeleceu como agricultor no recôncavo da Bahia, escreveu o famoso tra-

tado descritivo do Brasil em 1587 que é uma verdadeira Geografia nas linhas gerais das concepções modernas.

PISO e MARCGRAF no período do domínio holandês criaram os rudimentos duma primeira Geografia do Nordeste, embora a intensão principal fôsse produzir uma história natural. As observações sôbre os habitantes, as anotações meteorológicas, a descrição minuciosa dos recursos naturais, tornam a História Natural do médico holandês e a do naturalista alemão, duas preciosas fontes para o conhecimento do Nordeste no meado do século II da nossa era.

Durante muito tempo a nossa Geografia foi uma conseqüência de estudos especializados em vários ramos. Os grandes botânicos e os grandes geólogos foram os que mais contribuíram para a Geografia do Brasil. Os trabalhos de MARTIUS e SPIX, de SAINT HILAIRE, de AGASSIZ, de HARTT, BRANNER, DERBY, de GONZAGA DE CAMPOS, de EUSÉBIO DE OLIVEIRA, e MORAIS RÊGO foram mananciais preciosos para a criação da incipiente Geografia do Brasil. Só modernamente começou a pesquisa geográfica calcada numa cartografia fidedigna com desenvolvimento próprio da Fisiografia, da Geomorfologia e da Geografia Humana.

O Serviço Geográfico do Exército, o Conselho Nacional de Geografia, o Serviço Geográfico de alguns estados, particularmente o de São Paulo, e as Faculdades de Filosofia são atualmente as grandes fontes da Geografia Brasileira. Mesmo a nossa A.G.B., na sua insignificância de associação quase mendiga, que só conta com a boa vontade de restrito número de sócios, também já se vai distinguindo nas contribuições próprias para o melhor conhecimento do país.

Vem fazendo trabalho útil graças a alguns Mecenas que confiam na capacidade da nova geração de geógrafos. São homens de grande influência que compreendem o valor da Geografia e, por isso, buscam os novos valores como instrumentos humanos para a realização de grandes obras de âmbito nacional.

Pediria a modéstia de cada um dêles que silenciássemos sôbre os auxílios prestados à A.G.B. mas por dever de gratidão não podemos deixar de nos referir nesta reunião a três nomes a quem muito deve a Associação.

LUÍS SIMÕES LOPES, presidente da Fundação Getúlio Vargas que nos forneceu abri-

go e alimento. É bem digno filho de ILDEFONSO SIMÕES LOPES. Como o pai, está sempre voltado para os grandes problemas nacionais; o velho viveu empolgado com a agricultura, a siderurgia e a produção de energia; o filho dá maior prioridade aos problemas educacionais, como meio de melhorar o nível de vida no Brasil.

DANIEL DE CARVALHO, sócio cooperador da A.G.B. nos tem muito auxiliado com seu apoio moral e material. A êle deve a A.G.B. grande parte do êxito nos estudos da zona de Paraíba do Sul, que vem recebendo os últimos retoques para serem dados à publicidade, graças a outro cooperador — EDGAR TEIXEIRA LEITE — que nos honrou com a sua presença nesta solenidade.

Sempre devotado aos problemas básicos referentes à agricultura e à vida rural, EDGAR TEIXEIRA LEITE em muitos anos de ação e idealismo conquistou os títulos que o levaram ao Conselho Nacional de Economia.

Ex-secretário de Agricultura em Pernambuco e Rio de Janeiro, deputado sempre exaltando o homem do campo, fundador da Sociedade Alberto Tôrres, TEIXEIRA LEITE é hoje uma das figuras mais representativas da elite ruralista em nosso país.

Espirito sedento de conquistas sociais, confiante extremado no valor da pesquisa científica e das cogitações sociológicas, sente-se bem no meio da A.G.B. porque tem oportunidade de trocar idéias, colhêr ensinamentos e sugerir trabalhos que lhe pareçam dignos de pesquisa geográfica.

A êsse eminente colega da A.G.B. rendemos agora as nossas homenagens esperando que sua atuação no Conselho Nacional de Economia esteja sempre calcada no mais perfeito conhecimento das condições do ambiente brasileiro, para o que sempre poderá contar com a boa vontade e a dedicação dos demais membros da A.G.B.

E nesse confortável ambiente, na maior cordialidade e com os melhores propósitos, vamos iniciar os trabalhos da 6.^a Assembléia Geral".

Nos dias subsequentes, ocupou-se a Assembléia dos debates dos trabalhos apresentados, e a visitas a diversos pontos da cidade, onde os delegados tiveram ocasião de realizar estudos locais. Foram apresentadas as seguintes teses: "Notas sôbre alguns traços e sambaquis do litoral de Laguna" (Santa Catarina), do professor ANTÔNIO TEIXEIRA GUERRA; "Propriedades japonêsas

dos arredores de São Paulo” de EMÍLIA DA COSTA NOGUEIRA; “Barra de Itaípe — uma povoação de pescadores no litoral da zona cacauzeira”, de MÍLTON SANTOS; “Coluviões da serra de Cubatão”, de JOSÉ CARLOS RODRIGUES; “Geografia Urbana de São Luís do Maranhão”, do professor AROLDO DE AZEVEDO; “A cidade olímpia” da professora ELI COUBART PEREIRA; “Geografia do curare”, de ALBERTO PIZARRO JACOBINA; “Paisagens e problemas da região de Santa Isabel”, do professor AZIZ NACIB AB’SABER; e “Incidência del arroyo maldonado sobre la sierra Balena”, do professor JORGE CHEBATAROFF.

Foi feita uma comunicação oral, pelo professor AZIZ NACIB AB’SABER, sobre os principais fatores geográficos observados na viagem do Rio à cidade de Nova Friburgo.

Na última reunião ordinária, foram eleitos sócios efetivos, os professores JORGE CHEBATAROFF, BENEDITO QUINTINO DOS SANTOS e honorário, o prof. PIERRE MONBEIG.

Encerrando os trabalhos, a Assembléia elegeu a nova diretoria, que regerá os destinos da Associação dos Geógrafos Brasileiros durante o corrente, a qual ficou assim constituída:

Presidente: Professor JOÃO DIAS DA SILVEIRA; *Secretário:* Professor AZIZ NACIB AB’SABER; *Tesoureiro:* Professor ANTÔNIO ROCHA PENTEADO; *Comissão Consultiva:* Professor SÍLVIO FRÓIS ABREU; *Diretor dos Anais:* Professor JOSÉ VERÍSSIMO DA COSTA PEREIRA.

Deixa a Presidência do I.B.G.E. o Embaixador José Carlos de Macedo Soares

Deixou a presidência do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, no dia 30 de janeiro último, o embaixador JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES, que se mantinha à frente desse órgão desde a sua criação.

O nome do embaixador JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES liga-se assim ao I.B.G.E. como o de um dos pioneiros da sua fundação. De fato, encarregado em 1935, de organizar o antigo Instituto Nacional de Estatística, foi sob sua esclarecida orientação que este se desdobrou para o que é hoje a prestigiosa instituição de que são órgãos constitutivos o Conselho Nacional de Estatística e o Conselho Nacional de Geografia.

Tanto no terreno da Geografia como no campo da Estatística, notáveis empreendimentos foram levados a efeito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística na gestão do embaixador JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES. Dentre estes empreendimentos destacam-se a elaboração quinquenal da divisão territorial do Brasil, a campanha de coordenadas geográficas para levantamento da carta geral ao milionésimo, em fase de elaboração, e dois recenseamentos gerais — o de 1940, com os seus sete inquéritos complementares, e o de 1950 mais amplo e aprofundado.

A exoneração do embaixador JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES da presidência do

I.B.G.E., deu-se em virtude da solicitação que nesse sentido formulara ao presidente da República General EURICO GASPAR DUTRA, reiterando, aliás, idêntico pedido feito em 1948, ao mesmo presidente cujo apêlo para continuar no cargo o demoveu então da decisão de abandoná-lo.

Em resposta ao seu pedido de exoneração, feito desta vez em caráter irrevogável, recebeu o embaixador JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES do general EURICO GASPAR DUTRA, a seguinte carta:

“Acuso o recebimento da sua carta do corrente mês em que solicita dispensa da presidência do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Satisfaço o seu desejo, manifestado desde 1948 quando reassumiu essa presidência, de desobrigar-se dela no final do meu governo.

Chegado ao termo do período em que tenho tido as responsabilidades da chefia do Executivo, cabe-me assim tornar realidade a sua exoneração que ora concedo.

Na sua direção, o I.B.G.E. foi instalado, transformou-se e cresceu, estando em condições de prestar relevantes serviços à Nação. Aliás, as mensagens que, cada 15 de março, tenho enviado ao Congresso Nacio-